REVISTA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Andréa Cosimo Vescovi[1]
Tatiana Andrade Santos[2]
Marcio Guedes Correa[3]

RESUMO: O desenvolvimento socioemocional na primeira infância constitui um dos pilares fundamentais para a formação integral do indivíduo, influenciando diretamente a construção da identidade, da autonomia e das relações interpessoais. Nesse contexto, a família desempenha papel central por representar o primeiro espaço de convivência, socialização e construção de vínculos afetivos. O presente estudo tem como objetivo analisar de que forma a rotina atual influencia o tempo de qualidade das famílias e como esse fator impacta o desenvolvimento socioemocional de crianças bem pequenas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura. Foram analisados livros, artigos científicos, documentos oficiais e produções acadêmicas relacionadas ao desenvolvimento infantil, às práticas parentais e às competências socioemocionais. Os resultados evidenciam que interações familiares pautadas na afetividade, na escuta, na presença responsiva e na construção de vínculos seguros favorecem o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças. Em contrapartida, a redução do tempo de convivência familiar, associada às exigências da vida contemporânea, pode comprometer experiências fundamentais para o desenvolvimento infantil. Conclui-se que a qualidade das relações familiares constitui um importante fator de proteção e promoção do desenvolvimento socioemocional na primeira infância.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira infância; Desenvolvimento socioemocional; Família; Vínculos afetivos; Tempo de qualidade.

THE INFLUENCE OF THE FAMILY ON THE SOCIOEMOTIONAL DEVELOPMENT OF VERY YOUNG CHILDREN

ABSTRACT: Socioemotional development in early childhood is one of the fundamental pillars of human development, directly influencing the construction of identity, autonomy, and interpersonal relationships. In this context, the family plays a central role as the child's first environment for socialization, interaction, and emotional bonding. This study aims to analyze how contemporary routines influence family quality time and how this factor impacts the socioemotional development of young children. This is a qualitative and exploratory study conducted through a narrative literature review. Books, scientific articles, official documents, and academic publications related to child development, parenting practices, and socioemotional competencies were analyzed. The findings indicate that family interactions based on affection, active listening, responsive presence, and secure attachment contribute positively to children's emotional, cognitive, and social development. Conversely, reduced family interaction time, associated with the demands of contemporary life, may compromise experiences essential to child development. It is concluded that the quality of family

relationships constitutes an important protective and developmental factor in early childhood socioemotional growth.

KEYWORDS: Early childhood; Socioemotional development; Family; Affective bonds; Quality time.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento socioemocional na primeira infância tem sido amplamente reconhecido como um dos pilares fundamentais para a formação integral do indivíduo, influenciando diretamente a construção da identidade, da autonomia e das relações interpessoais ao longo da vida. Nessa etapa do desenvolvimento, as experiências vivenciadas pela criança exercem papel decisivo na constituição de competências emocionais, cognitivas e sociais que servirão de base para sua trajetória futura.

Bauman (2001) afirma que a identidade não é algo pronto ou descoberto, mas uma construção contínua, resultado das experiências e relações estabelecidas ao longo da vida. Sob essa perspectiva, os vínculos afetivos construídos nos primeiros anos tornam-se elementos essenciais para o desenvolvimento humano.

Wallon (1979, 1971) destacou, em suas obras Psicologia e Educação da Infância e A Evolução Psicológica da Criança, a importância da afetividade como uma dimensão fundamental do desenvolvimento humano. Ele acreditava que as emoções e sentimentos têm uma influência profunda no desenvolvimento cognitivo e motor das crianças. Em A evolução psicológica da criança (2007), destaca o movimento como essencial para o desenvolvimento infantil, argumentando que as habilidades motoras são interdependentes das funções emocionais e cognitivas. Para ele, o conhecimento é construído através da interação entre a criança e o meio ambiente, influenciado pelas emoções e pela motricidade. Wallon concebia a pessoa como um ser integral, cujas dimensões afetiva, motora e cognitiva estão interligadas e se influenciam mutuamente.

Complementando essa discussão, o desenvolvimento socioemocional infantil é favorecido por interações responsivas entre cuidadores e crianças, sendo a sensibilidade parental um aspecto fundamental para a construção de vínculos seguros e para a promoção do desenvolvimento integral. As práticas parentais pautadas na responsividade, no acolhimento emocional e na atenção às necessidades da criança contribuem significativamente para seu desenvolvimento socioemocional e para a formação de habilidades interpessoais ao longo da vida (Alvarenga; Weber; Bolsoni-Silva, 2016). Nesse contexto, a família constitui um

ISSN: 3085-556X

importante espaço de mediação, favorecendo experiências que contribuem para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da autonomia e das competências socioemocionais.

A família é o primeiro espaço de interação social da criança e exerce papel essencial em seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social, uma vez que é nesse ambiente que se estabelecem os primeiros vínculos afetivos e experiências de cuidado (Bowlby, 1989; Macana, 2014).

Dessa forma, este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do desenvolvimento socioemocional na primeira infância, destacando a intervenção familiar como elemento fundamental nesse processo. Durante a primeira infância, as crianças bem pequenas se encontram na fase de estabelecer vínculos afetivos, iniciando as interações sociais com adultos e com seus pares e na fase da autorregulação emocional. Espera-se, nessa fase, que a criança desenvolva sentimentos de segurança e confiança, expresse emoções, compartilhe, responda a estímulos sociais e reproduza comportamentos observados.

> A família é a responsável pelos cuidados físicos, pelo desenvolvimento psicológico, emocional, moral e cultural da criança na sociedade, desde o seu nascimento. Com isso, através dos primeiros contatos com a família a criança supre suas necessidades e inicia a construção dos seus esquemas perceptuais, motores, cognitivos, linguísticos e afetivos. Também é a partir da família que a criança estabelece ligações emocionais para o estabelecimento de uma socialização adequada (Sousa; Filho, 2018, p. 27).

Diante das transformações sociais atuais, como a sobrecarga de trabalho dos responsáveis, mudanças nas configurações familiares e a redução do tempo de convivência, observa-se que a atuação da família no desenvolvimento socioemocional infantil tem sido impactada. Neste contexto, refletiremos como o nível de envolvimento e a qualidade das interações familiares influenciam diretamente o desenvolvimento socioemocional de crianças na primeira infância.

Com a Constituição de 1988 ficaram determinados os direitos e deveres dos cidadãos referentes à educação, à responsabilidade da família e do Estado.

> [...] a Constituição Federal do Brasil apresenta a importância da participação ativa dos pais na vida social e cognitiva da criança, a família deve agir como potencializador da educação formal de seus filhos, incentivando e acompanhando o desenvolvimento do indivíduo (Santos; Toniosso, 2014, p. 127).

A participação ativa das famílias no desenvolvimento da criança é fundamental para o seu desenvolvimento integral. No entanto, é necessário compreender que a ausência dos

ISSN: 3085-556X

responsáveis em reuniões, eventos ou acompanhamentos escolares nem sempre está relacionada à falta de interesse ou comprometimento. Muitas vezes, essa realidade decorre das condições de trabalho, da vulnerabilidade social, das dificuldades emocionais ou das diferentes configurações familiares. Compreender essas diferenças é essencial para o desenvolvimento socioemocional e a garantia dos direitos de todas as crianças. Sendo assim, busca-se analisar de que forma o tempo de qualidade contribui para o desenvolvimento socioemocional da criança, considerando os desafios da rotina. Procura-se analisar como diferentes formas de convivência familiar impactam as habilidades socioemocionais das crianças.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, desenvolvida por meio de uma revisão de literatura narrativa. Esse tipo de abordagem permite uma análise ampla e interpretativa acerca do tema, possibilitando a articulação de diferentes perspectivas teóricas. A coleta de dados foi realizada a partir de materiais já publicados, incluindo artigos científicos, livros e dissertações que abordam a influência das práticas parentais no desenvolvimento das competências socioemocionais na primeira infância. Os critérios de seleção dos materiais consideraram a relevância temática, a atualidade das publicações e a consistência teórica dos autores. A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa e descritiva, buscando identificar contribuições significativas para a compreensão do papel da família no desenvolvimento socioemocional infantil, especialmente diante das transformações sociais e familiares da atualidade.

3. JUSTIFICATIVA

A crescente transformação da rotina contemporânea, marcada por jornadas de trabalho extensas e pelo uso intensivo de tecnologias digitais, tem contribuído para a redução do convívio familiar e, consequentemente, para a diminuição da presença ativa dos pais na vida cotidiana das crianças. Esse cenário suscita preocupações relevantes quanto ao desenvolvimento socioemocional infantil, uma vez que a literatura aponta que o tempo de qualidade com crianças pequenas é fundamental para o fortalecimento de vínculos afetivos, o desenvolvimento de habilidades sociais e a construção da autoestima.

Diante desse contexto, torna-se pertinente investigar os impactos dessas mudanças nas dinâmicas familiares e no desenvolvimento integral da criança. A influência da família,

ISSN: 3085-556X

especialmente nos primeiros anos de vida, é determinante para a formação emocional, cognitiva e social, sendo mediada por interações consistentes, afetuosas e significativas.

Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender como a ausência relativa dos pais, associada ao uso de telas, pode afetar o desenvolvimento infantil, bem como de evidenciar a importância da priorização de vínculos afetivos, das interações sociais e da mediação familiar. Além disso, busca-se reforçar a relevância da presença de qualidade dos cuidadores e da atenção às necessidades das crianças como elementos essenciais para a promoção de um desenvolvimento saudável e equilibrado. Segundo constata-se na BNCC: "Para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais" (Brasil, 2018, p. 36).

4. DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS

O desenvolvimento socioemocional tem início nos primeiros vínculos estabelecidos pela criança com o ambiente em que está inserida, ao integrar um contexto social e cultural específico. Nesse ambiente o bebê passa a expressar emoções e necessidades, construindo suas primeiras formas de interação com o mundo. Nessa perspectiva, Wallon (2007), em A evolução psicológica da criança, destaca que a emoção representa uma das primeiras formas de comunicação da criança com o mundo. Para o autor, as dimensões afetiva, cognitiva e motora encontram-se profundamente interligadas, de modo que o desenvolvimento humano ocorre de forma integrada. Assim, as experiências emocionais vivenciadas na infância exercem influência direta sobre a aprendizagem, a socialização e a formação da personalidade. A afetividade constitui elemento central nas relações familiares e no processo de socialização.

> A afetividade é um forte elemento na base de trocas parentais e constitui talvez, mais do que a causa, a sua legitimação ideal […] que se baseia agora na continuidade das gerações de pertença a uma parentela comum. Desde o dia em que nascem, as crianças vivem numa família que dá forma às suas crenças, atitudes e ações. Ao tentar compreender e respeitar a família de cada uma delas, é fundamental encorajá-las a verem-se, a si próprias e aos outros, como sendo pessoas de valor e membros participantes da sociedade (Costa; Silva; Souza, 2019, p. 17).

ISSN: 3085-556X

Nesse sentido, a participação ativa da família, aliada às práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil, fortalece o desenvolvimento dessas habilidades, promovendo um ambiente acolhedor e propício ao crescimento integral da criança. Investir na educação socioemocional nessa etapa vai além da preparação para o aprendizado acadêmico, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes, empáticos e preparados para os desafios da vida em sociedade. O desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil encontra respaldo em marcos legais e diretrizes educacionais brasileiras, como a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Art. 205. "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Segundo Ingrassia e Ferreira (apud Ferreira, 2024), a educação se mostra uma das ferramentas fundamentais do processo de socialização de qualquer pessoa, visto que é a partir dela que se alcança a integração plena no seu ambiente.

As habilidades socioemocionais correspondem a um conjunto de competências fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo, envolvendo a capacidade de reconhecer, compreender e regular as próprias emoções, bem como de estabelecer relações interpessoais saudáveis, tomar decisões e enfrentar desafios de forma consciente. Entre essas competências, destacam-se a autoconsciência, que diz respeito à capacidade de perceber e compreender as próprias emoções, pensamentos e valores, reconhecendo de que maneira influenciam o comportamento. A autogestão refere-se à habilidade de lidar com emoções, pensamentos e comportamentos em diferentes contextos. A consciência social está relacionada à empatia e à capacidade de compreender o outro em sua diversidade. As habilidades de relacionamento dizem respeito à construção e manutenção de vínculos saudáveis e respeitosos. Por fim, a tomada de decisão responsável envolve a capacidade de fazer escolhas conscientes e éticas.

Compreender as emoções e suas formas de expressão no contexto social torna-se indispensável para a análise das relações humanas ao longo da história. Desde os primórdios, elas influenciam a maneira como os indivíduos se conectam, interpretam o mundo e constroem vínculos. Nessa perspectiva, Damásio (2000, p. 80) afirma que "as emoções acabam por ajudar a ligar a regulação homeostática e os 'valores' de sobrevivência a muitos eventos e objetos de

ISSN: 3085-556X

nossa experiência autobiográfica", evidenciando seu papel na constituição da subjetividade e na orientação das ações humanas.

5. FORMAS DE CUIDADO NA FAMÍLIA E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

A família é o primeiro espaço de convivência da criança e exerce papel fundamental no desenvolvimento de comportamentos, valores, emoções e habilidades sociais. As experiências vivenciadas nesse contexto influenciam diretamente a construção das competências socioemocionais e dos vínculos afetivos.

Na busca por compreender como os comportamentos parentais influenciam o desenvolvimento infantil, Baumrind (1966 apud Lawrenz et al., 2020) desenvolveu uma das principais teorias sobre estilos parentais. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983 apud Lawrenz et al., 2020), em sua obra *Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction*, ampliaram essa teoria ao acrescentar um quarto estilo parental e considerar os níveis de exigência e responsividade como dimensões fundamentais das práticas educativas familiares. A responsividade refere-se à capacidade dos pais de demonstrar afeto, acolhimento, escuta e sensibilidade às necessidades da criança, favorecendo seu desenvolvimento emocional e social (Lawrenz et al., 2020). Já a exigência está relacionada ao estabelecimento de limites, regras e orientações que favorecem o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade. O equilíbrio entre essas duas dimensões contribui para a construção de relações familiares saudáveis e para o fortalecimento das competências socioemocionais.

Segundo Baumrind (apud Lawrenz et al., 2020), quando ambas as dimensões, responsividade e exigência, estão em níveis elevados, caracteriza-se o estilo autoritativo. Nesse caso, as figuras parentais estimulam a autonomia e a liberdade, validam as necessidades e opiniões das crianças e respeitam sua individualidade, promovendo um ambiente familiar aberto ao diálogo. Em relação à exigência, exercem controle quando necessário, sem recorrer a punições rígidas ou privativas (Prativa; Deeba, apud Lawrenz et al., 2020).

O estilo negligente, considerado o mais prejudicial ao desenvolvimento infantil, é caracterizado por baixos níveis tanto de responsividade quanto de exigência. Observa-se pouca participação dos pais na vida dos filhos, bem como ausência de apoio emocional, o que pode comprometer o desenvolvimento psicológico das crianças (Lawrenz et al., 2020).

ISSN: 3085-556X

O estilo indulgente, por sua vez, caracteriza-se por elevada responsividade e baixa exigência. Embora os pais demonstrem afeto e acolhimento, a ausência de limites consistentes pode dificultar o desenvolvimento da responsabilidade e da autorregulação. Crianças criadas nesse contexto podem desenvolver autonomia e boa autoestima, mas a baixa exigência pode favorecer dificuldades como hiperatividade e comportamentos agressivos.

Por fim, o estilo autoritário caracteriza-se por alta exigência e baixa responsividade. Nesse modelo, os pais adotam uma postura rígida, com imposição de regras e pouca abertura ao diálogo, são figuras altamente controladoras e diretivas, mas pouco sensíveis às necessidades emocionais dos filhos (Givertz; Segrin, 2014 apud Lawrenz et al., 2020). Esse padrão tende a ser punitivo e frustrante. Crianças expostas a esse modelo podem apresentar dificuldades na expressão emocional, insegurança e menor capacidade de desenvolver autonomia, podendo gerar sentimentos de medo, raiva e retraimento social (Trumpeter et al., 2008 apud Lawrenz et al., 2020).

Segundo Gerhardt (2017), em "Por que o amor é importante" (sic), famílias que negligenciam ou criticam demais seus filhos geram incertezas sobre a autoestima.

> Primeiros relacionamentos estressantes também dificultam o estabelecimento de vias neurais importantes entre a amígdala e o córtex pré-frontal. Quando essas ligações são fracas, o córtex pré-frontal não é capaz de desempenhar um bom trabalho em reter as respostas de medo. […] Isso pode deixar o indivíduo propenso a ansiedades e medos (Gerhardt, 2017, p. 55).

Muitas vezes, práticas parentais classificadas como negligentes ou indulgentes não decorrem exclusivamente de escolhas conscientes dos pais, mas também de limitações impostas pela rotina e pela sobrecarga. Tal cenário evidencia a necessidade de uma análise mais contextualizada dos estilos parentais, considerando não apenas as atitudes individuais, mas também as condições sociais e culturais que influenciam o exercício da parentalidade na atualidade.

A compreensão dos estilos parentais torna-se ainda mais relevante quando se considera a primeira infância como um período decisivo para o desenvolvimento humano. De acordo com Heckman (apud Macana, 2014), essa fase constitui uma janela de oportunidades fundamental, na qual se estabelecem as bases para o desenvolvimento pleno. A ausência de condições e estímulos adequados nesse período pode comprometer trajetórias futuras, favorecendo déficits no desenvolvimento e ampliando desigualdades entre indivíduos, com impactos que se estendem até a vida adulta.

ISSN: 3085-556X

Dessa forma, práticas frequentemente classificadas como inadequadas, como a baixa supervisão, a dificuldade em impor limites ou a menor disponibilidade emocional, nem sempre refletem ausência de conhecimento ou desinteresse por parte dos pais, mas podem estar associadas a contextos de exaustão e escassez de tempo. Essa perspectiva aponta para a necessidade de compreender os estilos parentais não apenas como escolhas individuais, mas como fenômenos influenciados por fatores sociais, econômicos e culturais.

A primeira infância configura-se como um período crucial para o desenvolvimento humano, tendo em vista que, nessa etapa, são estabelecidas as bases estruturantes das competências cognitivas, emocionais, sociais e afetivas do indivíduo. A ausência de estímulos adequados e de condições favoráveis ao desenvolvimento infantil durante esse período pode acarretar prejuízos significativos ao longo da trajetória de vida, contribuindo para a ampliação de desigualdades e comprometendo o pleno desenvolvimento das potencialidades da criança.

Nesse contexto, torna-se importante compreender que a qualidade das interações familiares não depende exclusivamente da quantidade de tempo compartilhado, mas da forma como esse tempo é vivenciado. Mesmo diante das exigências cotidianas, momentos de escuta, acolhimento, diálogo e participação na rotina infantil podem fortalecer vínculos afetivos e favorecer o desenvolvimento socioemocional da criança.

Compreender as práticas parentais e os estilos de cuidado adotados pelas famílias permite ampliar a reflexão sobre a importância das relações afetivas na infância. Mais do que classificar comportamentos, torna-se necessário reconhecer as múltiplas realidades familiares e valorizar estratégias que fortaleçam os vínculos, favoreçam o desenvolvimento socioemocional e promovam o bem-estar das crianças.

6. A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA DE QUALIDADE NAS RELAÇÕES PARENTAIS

A promoção do desenvolvimento na primeira infância está diretamente relacionada à qualidade das experiências vivenciadas pela criança em seu ambiente familiar; isso envolve o exercício de práticas parentais adequadas, que se manifestam em atitudes cotidianas de cuidado e interação, como demonstrações de afeto, participação nas aprendizagens, incentivo à superação de desafios e sensibilidade às necessidades e limitações dos filhos.

A família que estabelece vínculos afetivos por meio de interações consistentes e acolhedoras contribui para a construção de uma base segura para o desenvolvimento infantil. Essas experiências

ISSN: 3085-556X

favorecem não apenas a formação de habilidades cognitivas, mas também o desenvolvimento socioemocional, sendo fundamentais para a construção da autonomia, da autorregulação e das relações sociais ao longo da vida.

> Um bebê não é capaz de desenvolver um córtex orbitofrontal sozinho. Ele depende das relações com outras pessoas que estão disponíveis e se elas estão ou não presentes quando mais importa. [...] Quando o relacionamento é dominado por interações agradáveis, os pais e o bebê estão, sem perceber, edificando o córtex pré-frontal da criança e desenvolvendo as suas capacidades de autorregulação e interações complexas (Gerhardt, 2017, p. 56-57).

Sob essa perspectiva, o desenvolvimento socioemocional não depende apenas da presença física dos responsáveis, mas principalmente da qualidade das interações construídas no cotidiano. Momentos de escuta, diálogo, acolhimento e participação ativa na vida da criança favorecem o fortalecimento dos vínculos afetivos e promovem sentimentos de pertencimento e segurança emocional.

De acordo com Bowlby (1989 apud Macana, 2014), a necessidade de estabelecer vínculos afetivos seguros constitui uma característica fundamental do desenvolvimento humano. A presença contínua de figuras de apego sensíveis e responsivas proporciona à criança uma base segura para explorar o ambiente, desenvolver autonomia e construir relações sociais saudáveis.

As experiências familiares também influenciam diretamente a forma como a criança aprende a reconhecer, expressar e regular emoções. Quando os adultos demonstram disponibilidade emocional, validam sentimentos e oferecem suporte diante das dificuldades, contribuem para o desenvolvimento da autorregulação emocional e da empatia.

Nessa perspectiva, a qualidade da relação entre a criança e seus cuidadores exerce influência direta sobre sua segurança emocional. Bowlby destaca ainda que: “A presença contínua de uma figura de apego sensível e responsiva proporciona à criança um sentimento de segurança indispensável para explorar o mundo” (Bowlby, 1989 apud Macana, 2014, p. 138).

Entretanto, as exigências atuais da sociedade têm imposto desafios significativos às famílias. Jornadas de trabalho extensas, múltiplas responsabilidades e o uso intensivo de tecnologias podem reduzir as oportunidades de interação entre adultos e crianças. Nesse cenário, torna-se ainda mais relevante discutir a importância do tempo de qualidade como estratégia para fortalecer vínculos e promover o desenvolvimento integral.

ISSN: 3085-556X

7. TEMPO DE QUALIDADE

O conceito de tempo de qualidade refere-se à construção de momentos significativos de interação entre crianças e seus cuidadores. Diferentemente da simples presença física, o tempo de qualidade envolve atenção, escuta, participação e disponibilidade emocional.

Segundo Weber (2018), em entrevista à revista PsicoFAE:

> É primordial entender que amor de mãe e de pai não é instintivo e nem é possível adquiri-lo: é um sentimento que se constrói. Logo, para amar de fato um filho, é preciso semear, cuidar e até fazer sacrifícios; é o que se denomina de "investimento parental". Para ser uma boa mãe e um bom pai e manter o "poder/dever familiar", deve-se amar o filho, sem dúvida, mas é preciso algo mais: transformar esse amor em ação (Weber, 2018, p. 14).

Segundo Chapman (2013), em As cinco linguagens do amor, há uma linguagem do amor denominada "Tempo de Qualidade" que está relacionada à atenção plena e à presença emocional nas relações interpessoais. Para o autor, não basta apenas compartilhar o mesmo espaço físico, mas dedicar tempo de maneira significativa, demonstrando interesse, escuta e envolvimento genuíno com o outro. Nas relações familiares, o tempo de qualidade pode ser vivenciado por meio de atividades simples, como conversas, brincadeiras, leitura de histórias, refeições compartilhadas e participação na rotina da criança. Essas experiências favorecem o desenvolvimento da linguagem, da autoestima, da confiança e das competências socioemocionais.

Além disso, quando a criança percebe interesse genuíno por parte dos responsáveis, desenvolve sentimentos de valorização e pertencimento, fatores essenciais para sua segurança emocional e para a construção de uma imagem positiva de si mesma.

Conforme afirma Chapman (2013), o aspecto central do Tempo de Qualidade é estar próximo. "Não quero dizer simples proximidade [...] o estar junto tem a ver com o focalizar a atenção" (Chapman, 2013, p. 53).

> As qualidades de bons pais (e de relacionamentos íntimos em geral) são essencialmente regulatórias: a capacidade de ouvir, de perceber, de moldar o comportamento e de ser capaz de restaurar bons sentimentos por meio de algum tipo de contato físico, emocional ou mental, utilizando o toque, um sorriso, um modo de colocar os sentimentos e pensamentos em palavras. Essas capacidades são pessoais [...]. Requer um tipo de espaço mental em que são alocados os sentimentos e uma vontade de priorizar relacionamentos. Esse é um desafio para uma sociedade orientada à meta (Gerhardt, 2017, p. 245).

Nesse sentido, a qualidade das relações familiares ultrapassa o atendimento às necessidades físicas, envolvendo também a disponibilidade para reconhecer sentimentos, oferecer suporte emocional e promover experiências de cuidado e pertencimento. Dessa forma,

ISSN: 3085-556X

os vínculos afetivos construídos na infância não apenas influenciam o bem-estar imediato da criança, mas também constituem bases importantes para seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social ao longo da vida.

8. A CONTRIBUIÇÃO DAS VIVÊNCIAS AO AR LIVRE

Porretti e Assis (2008), em A aventura de ensinar aventura, destacam a importância do contato de crianças e famílias com espaços naturais, como áreas verdes e ambientes com árvores, contribuindo significativamente para a saúde, o bem-estar e o fortalecimento dos vínculos e conexões sociais. Nesse contexto, experiências ao ar livre e aventuras em família demonstram impactos positivos no desenvolvimento infantil, especialmente no campo socioemocional. Goldenberg et al. (2008) destacam que aventuras de longa duração favorecem sentimentos de autorrealização, diversão, resiliência e relações interpessoais mais calorosas. Da mesma forma, Carvalho e Santos (apud Ferreira, 2024) evidenciam que essas experiências contribuem para o desenvolvimento da inteligência emocional, principalmente por meio do aprimoramento da gestão das emoções e das competências sociais.

É possível compreender que as aventuras em ambientes naturais criam condições favoráveis para a educação socioemocional, pois ampliam as possibilidades de convivência, cooperação e troca afetiva. Dessa forma, os resultados contribuem para ampliar o debate sobre os impactos das aventuras ao ar livre no clima familiar e no desenvolvimento socioemocional infantil.

As experiências em ambientes naturais também dialogam com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente com os direitos de aprendizagem relacionados ao conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Ao interagir com a natureza, a criança amplia sua compreensão sobre o mundo, desenvolve atitudes de cuidado consigo mesma, com o outro e com o meio ambiente, além de fortalecer seu senso de pertencimento à comunidade em que vive.

As vivências ao ar livre não devem ser compreendidas apenas como atividades recreativas, mas como experiências educativas, sociais e afetivas capazes de promover o desenvolvimento integral da criança. Além de favorecerem o bem-estar físico e emocional, essas experiências fortalecem os vínculos familiares e contribuem para a formação de competências socioemocionais essenciais para a vida em sociedade.

ISSN: 3085-556X

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento socioemocional na primeira infância é resultado de múltiplas interações vivenciadas pela criança em seus diferentes contextos de convivência, sendo a família o primeiro e mais significativo deles. As experiências afetivas construídas no cotidiano, especialmente por meio da presença qualitativa dos responsáveis, contribuem para a formação de vínculos seguros, para o desenvolvimento da autonomia e para a construção das competências socioemocionais.

Em decorrência das transformações sociais da atualidade, novos desafios são impostos às famílias, tais como jornadas de trabalho extensas, uso intensivo de tecnologias e redução do tempo de convivência. Torna-se fundamental reconhecer que a qualidade das interações pode representar um importante fator de proteção ao desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, experiências compartilhadas em ambientes naturais revelam-se estratégias potentes para fortalecer vínculos afetivos, ampliar as oportunidades de diálogo e favorecer o desenvolvimento integral da criança. Assim, investir em relações familiares mais presentes, acolhedoras e significativas constitui um caminho essencial para a promoção do bem-estar e do desenvolvimento socioemocional na primeira infância.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar as reflexões sobre o papel da família na formação das crianças, incentivando práticas que valorizem o tempo de qualidade, o cuidado afetivo e a construção de experiências compartilhadas capazes de fortalecer os vínculos familiares e favorecer uma infância mais saudável e humanizada.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Patrícia; WEBER, Lídia Natalia Dobrianskyj; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. **Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental.** *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 4-21, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOWLBY, John. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

CAVICION, Luana. Educação de filhos no século XXI: avanços e desafios (entrevista com Lídia Weber). *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 9-14, 2018.

CHAPMAN, Gary. **As cinco linguagens do amor**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
FERREIRA, Júlia Maria de Oliveira. **Desenvolvimento socioemocional na educação infantil**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2024.
LAWRENZ, Priscila; ZENI, Luísa Cortelletti; JURY ARNOUD, Thaís de Castro; FOSCHIEREA, Laura Nichele; HABIGZANG, Luísa Fernanda. **Estilos, práticas ou habilidades parentais: como diferenciá-los?** *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 16, n. 1, p. 2-9, 2020. DOI: 10.5935/1808-5687.20200002.

MACANA, Esmeralda Corrêa. **O papel da família no desenvolvimento humano: o cuidado da primeira infância e a formação de habilidades cognitivas e socioemocionais**. Tese (Doutorado em Economia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PLANO NACIONAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA. **PNPI 2020-2030**. Brasília, DF: Rede Nacional Primeira Infância, 2020.